



CONTRAINSURREIÇÃO, GUERRA REVOLUCIONÁRIA

e outras interpretações

Antônio Alberto Marinho Nigro*

Este tipo de guerra irregular vem sendo usualmente praticado ao longo da História. Aqui mesmo no Brasil, era por intermédio de emboscadas que a Insurreição Pernambucana desgastava as tropas holandesas até as duas batalhas decisivas nos montes Guararapes, que resultaram na expulsão definitiva dos holandeses do Nordeste brasileiro, em 1654. Posteriormente, quase um século e meio depois, os insurgentes espanhóis empregaram a mesma tática contra os invasores franceses na Espanha. Daí a denominação de “Guerrilla” para esse modo de luta de resistência.

Esta modalidade da guerra foi retocada como doutrina militar pelos franceses, fruto da experiência em seus conflitos na Indochina e no norte da África. O processo de descolonização conduziu populações submetidas aos impérios coloniais a se insurgirem contra as suas metrópoles, ao fim da 2ª Guerra Mundial. No caso da França, houve a decisão de empregar as suas forças armadas naqueles conflitos de contrainsurgência. Em essência, os franceses combatiam vietnamitas, argelinos e outros indochineses na repressão aos locais que lutavam pela independência dos seus países ou sociedades politicamente organizadas.

Importante ressaltar que a luta se travava entre povos de origens diferentes, no caso, franceses contra árabes e indochineses. Os norte-americanos, civis ou militares, combateram norte-vietnamitas e vietcongues, na Guerra do Vietnã, já no contexto da Guerra Fria e não no da descolonização pós 2ª Guerra Mundial. Mesmo assim, os povos eram de origens ou etnias distintas.

No mesmo contexto da Guerra Fria, pós-Re-

volução Cubana em 1959, a doutrina da guerra revolucionária foi readaptada para o ambiente latino-americano. A internalização do inimigo ideológico permitiria que insurgentes “revolucionários” e as forças de segurança, de um mesmo país, viessem a lutar no campo ou no meio urbano, aparentemente como numa guerra civil, mas não revolucionária. Ninguém lutava pela independência política do seu país. Mais grave, era uma luta fratricida motivada por ideologias importadas. A disseminação da doutrina readaptada da guerra revolucionária tomou lugar, notadamente, na Escola das Américas, então com sede no Panamá. Em síntese, as versões de guerra revolucionária retratavam a luta de insurgentes mais fracos contra forças regulares mais fortes, em países do Terceiro Mundo, durante a Guerra Fria.

Hoje, na Ucrânia, assistimos russos e ucranianos, cidadãos que compartilham a mesma história, religião, cultura, quase a mesma Língua, e uma só etnia: eslavos. Ao que parece, neste caso, o opressor mais forte rebatizou a guerra revolucionária de Operação Militar Especial contra os mais fracos a reprimir. Os ucranianos não lutam pela libertação nacional. A Ucrânia já existe. Nem são revolucionários na luta para derrubar um ditador despótico do poder, mas parecem ser rotulados de “insurgentes” pelo atual opressor. Na essência, a sociedade ucraniana busca um caminho próprio para se autogovernar. O que nos faz lembrar do poeta espanhol Antonio Ruiz: “*Caminante no hay camino. Se hace camino al caminar*”. ■

* Contra-Almirante (Refº)